

Recensão crítica do livro de Fareed Zakaria “O mundo pós-americano”

Edição portuguesa: Gradiva – Setembro de 2008

Título original: The Post-American World

António Manuel Lopes Tavares

Professor de Ciência Política e Estudos Eleitorais
Universidade Lusofona – Centro Universitário do Porto

Escrito em 2008 “o mundo pós-americano” merece ser revisitado para se poder avaliar de que forma ainda se encontra atual. Vamos então a uma leitura crítica que esperemos o leitor acompanhe com uma pergunta será que ainda está atual?

Num mundo onde os acontecimentos se sucedem com uma velocidade imediata Fareed Zakaria¹, depois de “O Futuro da Liberdade”, apresenta-nos “O Mundo pós-americano” prospetando que o mundo nos espera é um mundo pós-americano, onde a economia é decisiva e daí a importância dos chamados BRICs – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul na ascensão como potências ainda que com papéis diferentes, oscilando entre concorrentes ou aliados com a necessária desconfiança própria da guerra fria.

A estrutura do livro, dividido em sete capítulos², indicia esta sua reflexão que não pretende falar do declínio dos Estados Unidos, mas antes da ascensão dos demais.³

¹ Fareed Zakaria é doutorado em Ciência Política pela Universidade de Harvard. A Esquire considerou-o uma das 21 personalidades mais importantes do século XXI e para a Foreign Policy e Propsect é um dos cem intelectuais mais influentes do mundo.

² Assim denominados: A ascensão dos demais, a taça transbordou, um mundo não ocidental, o concorrente, o aliado, o poder americano e o designio americano.

³ As referências são sempre sobre “O mundo pós-americano” pág. 11

Zakaria escreve este livro sem saber que, durante 2008, vai aparecer uma crise financeira, que necessariamente evoluirá para uma crise económica, com profundas repercussões em vários países deste mundo globalizado. Ao não prever esta crise, Zakaria não fica muito prejudicado nas conclusões da sua análise. Inicia o livro com uma citação de Arnold J. Toynbee, retirada de “A study of History”, segundo o qual o crescimento ocorre sempre com um desafio o qual conduz a outro desafio, o que leva a acreditar que o processo se pode repetir indefinidamente ainda que historicamente a maioria das civilizações tenha falhado. Toynbee é o mesmo jovem, com 8 anos, assiste à parada militar do sexagésimo aniversário da ascensão da rainha Vitória ao trono britânico e fica maravilhado, desejando que a “história seja uma coisa desagradável que acontece aos outros.”⁴ Ao longo da história, após um ciclo de prosperidade económica segue-se um ciclo de problemas e dificuldades que de económicas evoluem para políticas. Noutros tempos, seguir-se-ia, como dizia Clausewitz, a guerra como a continuação da política por outros meios. Hoje, já não é verdade. Aspeto importante é o autor não dar muita importância à Rússia, uma nação que já foi superpotência, o que parece querer dizer se encontra no clube da “ascensão dos demais”.

Para F Zakaria, nos últimos quinhentos anos, houve três mudanças fundamentais na distribuição de poder que influenciaram a vida internacional – política, económica e cultural.

A primeira mudança começou no século XV e foi até ao final do século XVIII tendo produzido a modernidade como a conhecemos.

A segunda mudança, no final do século XIX, aconteceu com a ascensão dos Estados Unidos.

A terceira mudança, é a que vivemos atualmente, e a que chama a ascensão dos demais. É um ciclo de prosperidade que também criou desigualdades sociais e acentuou o número de excluídos.

Os “demais” não são só os Estados. Há outros atores como ONGs, empresas e organizações internacionais.

4 In ob. cit. pág. 162

Desde o fim da Guerra-fria vivemos este paradoxo. Crises políticas, ataques terroristas e com Estados fora da lei. Contudo, simultaneamente, a economia ia avançando, criando abundância e excedentes, e acrescento eu, até bater com violência no muro da crise financeira.

Existe, é certo, uma ameaça islâmica, mas o mundo já viveu dois momentos semelhantes. O primeiro momento na passagem das décadas de 1890 e 1900. A crise financeira só surgiu em 1929 e localizada nos Estados Unidos. A crise militar surgiu em 1914-1918 com a I Guerra Mundial.

O segundo momento, no pós-guerra entre 1950 e o início de 1960. Aqui existiu a crise do muro de Berlim e a Guerra-fria com vários conflitos regionais.

O talento dos recursos humanos e a tecnologia tem permitido a liderança política e económica a algumas nações. Foi assim no passado com Roma, a Grã-Bretanha e hoje com os Estados Unidos.

A economia, a informação e a cultura compreenderam o mundo da globalização, ao contrário da política onde continua a preponderar um modelo de Estado-Nação sem capacidade para resolver problemas unilateralmente. Existe um mundo com duas velocidades na sua globalização.

Com a melhoria da economia chega o nacionalismo ou para citar Brzezinski um “despertar político global”.⁵

O Ocidente compreendeu, muito cedo, a importância de estar atento a todos os fenómenos de poder. F Zakaria referiu os portugueses, como um povo que compreendeu esta importância ao levar para a China relógios mecânicos ou canhões e observar que os chineses conseguiam consumir a tecnologia moderna, mas não a sabiam produzir.

Daí a sua necessidade de recorrer a Samuel Huntington para explicar o porquê da força da civilização ocidental. É preciosa não porque seja universal, mas porque é única, escreveu salientando as características que a tornam única: herança clássica, cristianismo, separação entre Estado e

5 In ob. cit. pág. 39

Igreja, o império da lei e a sociedade civil. São estas características que estão a ajudar as massas, por esse mundo fora a ganharem poder com o capitalismo e a democracia, a acelerar a mudança para uma nova ordem.

Neste contexto, Zakaria define a China⁶ como o principal concorrente dos Estados Unidos porque está a conciliar as duas mesmas forças que estão a moldar o mundo pós-americano – a globalização e o nacionalismo. O apelo ao pragmatismo político resume-se na famosa expressão “não importa que o gato seja preto ou branco o que importa é que cace ratos”. Deng Xiaoping deu-lhe sentido político ao definir a China, no início dos anos 80, como um país e dois sistemas. A China transformou-se na fábrica e no armazém do mundo. O seu objetivo estratégico é evitar o conflito e gerar inteligência emocional com os outros Povos como mostrou então com os Jogos Olímpicos de Beijing. Entretanto questões como a dos direitos humanos ou do Tibete vão ficando para trás na agenda internacional. Se a águia olha para o dragão como concorrente deve olhar para a vaca como um aliado.

Compreende-se que seja a Índia esse aliado. Desde logo pela relação afetiva do autor com o país.

Mais atrasado do que a China e ainda mais desequilibrado socialmente, a Índia justifica esse adjetivo. Não é só o governo a impulsionar a dinâmica social e económica do país também o seu capital humano. Está a nascer uma pujante sociedade indiana num regime que sempre foi democrático. A maior democracia do mundo que compreendeu a mensagem do Mahatma Gandhi de que o caminho a seguir não seria o de “olho por olho, dente

6 Analistas como John Mearsheimer da Universidade de Chicago consideram que a China não pode surgir pacificamente sem um conflito com os Estados Unidos. Joseph S. Nye num artigo intitulado “O surgimento pacífico da China” apela a Tucídides para lembrar que a inevitabilidade de um conflito pode converter-se numa das causas da guerra. Disponível em www.project-syndicate.org. Contudo, navios chineses ao saírem fora do Pacífico, pela primeira vez em 600 anos, para acções de patrulhamento marítimo da costa africana contra “piratas”, reforçando o contingente internacional na área, possibilita à China afirmar-se como potência mundial e, ao mesmo tempo, não ser uma ameaça para os seus vizinhos. Referência a esta notícia pode ser lida no Jornal Público de 28 de dezembro de 2008.

por dente” porque, “em breve, estaremos todos cegos e sem dentes”. Esta atitude, muito influenciada pela cultura gerada pelo Império Britânico e assente numa religião como o hindu, que conseguiu incorporar o budismo (religião chinesa), soube aproveitar o inglês para estar em contacto com o mundo, assumir-se como potência nuclear e saber conviver com um vizinho complicado como o Paquistão. Parece existir uma maior afetividade entre a Índia e os Estados Unidos do que este com a China, o que justifica ser aliado ou concorrente, mas nunca assumir-se como um inimigo.

F Zakaria detém-se no dia 22 de junho de 1897, onde começa o poderio económico do Império Britânico na origem da sua poderosa força militar e política. Para avaliar se o medo de Toynbee aconteceu? Será que os Estados Unidos irão passar por um processo idêntico?

Aceitando que a Grã-Bretanha foi a nação que esteve mais próxima do perfil atual do Estados Unidos, Zakaria questiona com o seu exemplo alertando que existe uma grande diferença. No caso do Reino Unido, quando tentava manter o seu estatuto de superpotência o desafio era económico. No caso dos Estados Unidos é político.

O Império Britânico criou o primeiro mercado verdadeiramente global, assente na Índia⁷, alicerçando o seu **soft power**, onde o inglês se assumiu como uma língua global das Caraíbas ao Cairo, da Cidade do Cabo a Calcutá. O mesmo aconteceu com os valores ingleses mais plurais e democráticos.

A ideia de **soft power**, “poder suave”, desenvolvida por Joseph S. Nye, JR, assenta que os indicadores tradicionais do poder não podem esquecer o poder que advém do apelo da cultura, dos valores e das instituições cada vez mais importantes em face do poder económico e militar. Nye defende uma América mais cooperante com o resto do mundo.⁸

7 A dimensão da Índia britânica começa com a entrega do dote de Bombaim e demais praças no casamento de Catarina de Bragança com Carlos II, na sequência da restauração de 1640.

8 A este propósito ver o livro de Joseph S. Nye, JR – O paradoxo do poder americano com tradução portuguesa na Gradiva Março de 2005

Este apogeu que permite dominar o planeta, em várias cambiantes, vai entrar em declínio com a guerra dos Bóeres na África do Sul. Apesar de vencer a guerra “ficaram sem amigos”.⁹ O que chega para justificar uma comparação com os Estados Unidos e o Iraque como a sua Guerra dos Bóeres.

No tempo da I Guerra Mundial o poder era medido politicamente pelo facto de Londres ser só a capital do mundo.

Com uma forte presença na economia, o império britânico tinha conseguido ser grande e imenso antes dos nacionalismos. Paul Kennedy é chamado para justificar porque o Império Britânico foi o produto de um conjunto de circunstâncias pouco habituais. Tinha vários elementos de poder – geografia, população e recursos. Estes elementos avaliados permitem justificar a dúvida que os Estados Unidos hoje têm face à ascensão da China.

Londres compreendeu a ascensão dos Estados Unidos e adaptou-se a esta mudança. Perante o novo papel da sua ex-colónia preferiu segurar as cinco chaves do mundo – Singapura, o Cabo de África, Alexandria, Gibraltar e Dover.

A II Guerra Mundial foi o toque de finados do poder económico britânico. Zakaria considera que em Ialta estiveram, “dois grandes” e um político de rara envergadura (Winston Churchill). John Maynard Keynes considera mesmo que o empréstimo americano a Londres era uma tentativa de “apanhar as pérolas do Império Britânico”.¹⁰ Londres perdia protagonismo não por más políticas, antes por uma má economia.

Contudo, os Estados Unidos não devem recear a sua economia. Desde 1880 são a maior economia do mundo e esta situação vai continuar, mesmo face à China porque a sua economia está na vanguarda das próximas revoluções na ciência, na tecnologia e na indústria. O futuro não cria receio aos Estados Unidos porque são quem mais tem beneficiado na globalização. A sua economia tem recebido o contributo positivo de todas as outras economias desenvolvidas como o certifica o Fórum Económico Mundial ao

9 In ob. cit. pág. 165

10 In ob. cit. pág. 172

classificá-la como a economia mais competitiva do mundo. Nem o facto dos Estados Unidos se estarem a transformar numa economia de serviços parece ser de requebrar porque independentemente dos países produtores o valor acrescentado dos produtos continua a ser de origem de empresas americanas como a Apple com o iPod.

Mesmo o facto de alguns preverem, em 2006, existiriam mais pessoas a acabar cursos de desporto do que engenharia eletrotécnica¹¹, o ensino superior é ainda uma grande indústria com um elevado número de universidades no top mundial¹².

Mesmo perante a Europa, os Estados Unidos apresentam vantagens. Desde logo a demográfica, uma arma secreta, que permite criar a primeira nação universal, feita de todas as cores, raças e credos. O Japão, a Índia e a China estão com níveis de substituição, em questões demográficas, mais baixos que os americanos.

O sistema político americano é tão forte como a sua economia. Como responder a esta questão quando os Estados Unidos ainda são uma sociedade com graves problemas sem uma solução global de segurança social e de saúde para todos os seus cidadãos – Medicare –, com fortes desigualdades sociais e onde os americanos estão a pedir emprestados 80% das poupanças mundiais para gastar em consumo.

A análise de Zakaria perde atualidade quando avalia o mercado de capitais americano para justificar a fuga de negócios para o exterior acusando o excesso de regulação, motivado pelo caso Enron. Como estava errado na sua análise quando vemos na falta de regulação uma das críticas mundiais como causadora da crise financeira das dívidas soberanas na Europa.

Nem os mercados, segundo ele bem regulados, de Londres ou Hong Kong resistiram. A diferença está em ideias e energia.

¹¹ In ob. cit. pág. 178

¹² A este propósito Edward N. Luttwak num artigo “El futuro e Estados Unidos (y de Europa)” na Revista espanhola Vanguardia nº 29 out./dez. 2008 – Estados Unidos después de Bush apresenta, pág. 74, a lista das melhores universidades do mundo onde, nas primeiras 50, 39 são norte-americanas.

Os quase 250 anos do sistema político americano serão uma desvantagem? O sistema é mais partidarizado nos últimos 30 anos, o sistema de poderes e contrapoderes não funciona? O sistema devia ser mais europeu? Para o autor o problema é Washington que não se consegue ajustar e adaptar a um mundo a que os outros estão a ascender, assim o desafio seria mais na política externa do que na política interna. O fenómeno Donald Trump pode voltar a acontecer?

O exemplo da intermediação americana, a propósito da Crise da Salsa (entre Marrocos e Espanha) é o exemplo que o autor refere para justificar o papel dos Estados Unidos num mundo unipolar como superpotência.

Como refere Nye, citando Henry Kissinger, o “teste da história será, para os Estados Unidos, saber se conseguirão transformar o seu poder predominante presente em consenso internacional e os seus próprios princípios em normas internacionais amplamente aceites.”¹³ Foi esse o consenso da Pax Romana e da Pax Britannica.

Esse será o esforço para ultrapassar alguma da dificuldade da economia americana e o contrariar de um profundo sentimento antiamericano.

A tese do soft power ganha, pois, relevo, a nível político militar há um domínio dos EUA, a unipolaridade – económica, financeira e cultural, - está a decair.

Os Estados Unidos com Bush pai mantiveram-se dentro de um mandato da ONU e lideraram uma coligação internacional. Nunca se comportou como o chefe da única superpotência.

Contudo, foram os americanos que tiveram que ocorrer a inúmeros conflitos, mesmo aqueles, como a crise dos Balcãs ou o Kosovo, onde a resposta devia ser europeia.

13 Joseph S. Nye, JR in “O paradoxo do poder americano” pág. 197

Bill Clinton, queria deixar a política externa e centrar-se na economia.¹⁴ É neste tempo que Madeleine Albright fala de um “país indispensável” e o então ministro francês da Defesa de uma “hiperpotência”.

Com George W Bush optou-se por uma estratégia de ruptura o que levou a uma resposta da comunidade internacional mais hostil. Tudo isto se explicaria, então, numa fórmula simples: unipolaridade + 11 de setembro + Afeganistão = unilateralismo + Iraque.

Os Estados Unidos falam. Os outros escutam.¹⁵ Alasdair Roberts considera que o povo americano também foi cúmplice nos falhanços da política externa de G. W. Bush.¹⁶

A Guerra-fria que fez com que a Europa fosse pró-americana por causa da ameaça soviética, já acabou e por isso o Presidente francês, Nicolas Sarkozy – neoconservador e pró-americano, aconselhou Condoleezza Rice a melhorar a imagem dos Estados Unidos no mundo.¹⁷

Esta atitude deve regressar à política externa norte-americana. Voltar de novo a dar atenção à diplomacia, por confiança e força, tal como fizeram no passado Roosevelt e Truman o que ajudou a produzir um mundo pró-americano, mas rico e seguro.

Contudo, o mundo hoje não é o de 1945 ou mesmo o do dia 10 de setembro de 2001, ou o da pandemia da COVID-19, como também não é o mundo de antes de 22 de fevereiro de 2022 (Russia-Ucrânia) ou depois do ataque do Hamas a Israel.

Os Estados Unidos devem preparar-se para a ascensão dos demais, processo que é lento e longo, porque a influência americana, como diz

14 “It’s the economy, stupid”, foi um slogan célebre da sua campanha.

15 Sobre a política externa de George W Bush ver Glenn Kessler “The confidante: Condoleezza Rice and the creation of the Bush legacy” NY St. Martin’s Press 2007

16 “The war we deserve” in Foreign Policy Novº/Dezº 2007.

17 F. Zakaria in ob. cit. pág 214

William Wohlforth, é fortalecida pelo crescimento de poderes regionais dominantes.

Os Estados Unidos devem afirmar-se como o mediador internacional de excelência e o fator de estabilidade no mundo.

F Zakaria conclui indicando que o **soft power dos Estados Unidos está ligado ao seu hard power** e da combinação dos dois nasce o seu papel singular no mundo.

Para isso, propõe seis orientações:

1. **Escolher** – Estabelecer prioridades. Mudança de regime ou mudança de política. Irão, Rússia, China são os exemplos que salienta a necessidade de uma diplomacia mais ativa. No fundo, é sair do século VIII dC – sunitas e xiitas no Iraque para o século XXI – China, Índia e Brasil onde o futuro se forja.
2. **Construir grandes regras e não interesses estreitos** – Os Estados Unidos não devem impor os seus interesses particulares no estrangeiro, antes optar por criar uma estrutura de regras, valores e princípios que o mundo se deve reger. Como exemplo refere o Tratado de Não Proliferação Nuclear e sugere sigam o apelo de Kissinger, Shultz, Perry e Sam Nunn para reduzir o número de armas nucleares e caminhar para um mundo não nuclear.
3. **Ser Bismarck e não Grã-Bretanha** – Os Estados Unidos já jogaram o papel da Grã-Bretanha de equilíbrio contra grandes potências emergentes – A Rússia Soviética e a Alemanha Nazi -, mas o mundo hoje é mais interdependente. Deve antes ser Bismarck – relacionar-se com as grandes potências. Ser o mediador de excelência.
4. **Encomendar por ementa** – Para alguns a paz internacional dura porque existe um único poder dominante – militar e económico - que mantém a ordem. O conceito atual é o de uma economia mundial aberta e de negociações multilaterais. Os Estados Unidos deveriam optar por um “multilateralismo por ementa” como diz Richard Haass – optando pela ONU ou a NATO conforme os casos e por aí adiante como as questões do clima. Os Estados Unidos devem

ser o organizador ou o líder da resolução de problemas complexos e de fornecimento de bens públicos globais.

5. **Pensar assimetricamente** – As forças armadas mais poderosas do mundo, mas com problemas no Iraque? A abordagem de natureza diplomática desapareceu com o fim da Guerra Fria. Os Estados Unidos deveriam deitar mão das suas instituições como um todo na sua capacidade de influenciar e” aculturar” do que só ter respostas militares.
6. **A legitimidade é poder** – Pese embora ter vários tipos de poder, aos Estados Unidos falta a legitimidade do poder. É necessário gerar apoio público internacional para as suas posições sobre o mundo. É um elemento central de poder e não um exercício de relações públicas. Só isso evita que o nacionalismo se torne anti-americano.

Ao olhar para as eleições presidenciais de então, F Zakaria, considerava que quase todos os candidatos erraram, sempre que questionados sobre o terrorismo, ao optarem por atacar, retaliar e arrasar o inimigo indefinido e global.

Curiosamente, então só um, Barack Obama¹⁸ no seu entender deu uma resposta certa. Pese embora, perante o ataque dos outros, que o consideravam sem força moral para ser Presidente, ter ameaçado também com uma resposta tradicional: a retaliação. O sistema político americano estaria falho de ideias ao nível do seu pensamento estratégico e enfrenta aquilo que Porter chama a “era da ansiedade”.¹⁹

Não é possível sustentar uma economia virada para o combate ao terrorismo e restringir direitos, liberdades e garantias aos cidadãos. O protecionismo não será também o caminho a seguir.

¹⁸ Viria a ser eleito Presidente dos Estados Unidos da América. É o 44º Presidente e o primeiro negro na história do país a ascender ao cargo.

¹⁹ Michael Porter – “Why America needs an economic strategy in Businessweek. O artigo pode ser lido na íntegra em www.businessweek.com

A **abertura** é ainda a maior força dos Estados Unidos. A capacidade de a sociedade americana saber integrar os imigrantes é o apelo final para justificar a necessidade da generosidade e da tolerância como valores.

“A era global não alterou o facto de que nada no mundo pode ser realizado sem os Estados Unidos” e a multiplicidade de novos atores implica que há muito pouco que os Estados Unidos possam alcançar sozinhos”.²⁰

O mundo seria pós-americano. Ao novo Presidente deixava F Zakaria esta mensagem a qual talvez seja uma das respostas aos milhares de eleitores que nele votaram infelizes com o estado da economia e com uma vontade de mudança política na liderança da nação. Afinal os dois fatores de poder que não podem esquecer a importância do soft power norte-americano no mundo.

Este seria o desafio F Zakaria. Esperemos pela próxima edição do “O Mundo pós-americano”. Será de certeza aumentada, com a crise económica e financeira, e revista pelas respostas das outras administrações. Depois de Barack Obama veio Donald Trump e Joe Biden. A América viu surgir uma nova China e uma Rússia que lançou a guerra contra a Ucrânia. A América vive em turbilhão e as próximas eleições presidenciais serão decisivas.

As alianças mostraram a sua importância como a NATO e a União Europeia. Deixava-nos um vaticínio que deseja uma profecia: “se se confirmarem, a América continuará no primeiro lugar, mas mesmo assim, nesta era da informação global, isso não será o que costumava ser. Para ter um êxito num mundo assim, a América tem, não apenas de manter o seu **poder duro**, como compreender o seu **poder suave** e a forma de combinar os dois na busca de interesses nacionais e globais”²¹. Com Biden os Estados Unidos voltaram a este caminho e vamos, então, esperar por um novo livro de F Zakaria.

20 Dominique Moisi, “The Real Crisis over the Atlantic” in *Foreign Affairs*, Julho-Agosto de 2001, pág. 153 apud Nye in ob. cit. pág. 196

21 Joseph S. Nye, Jr. in “O Paradoxo do poder americano” pág. 198